

O Congresso não toma jeito

9 ABR 1993

Os deputados e senadores não tomam jeito mesmo. Para nos restringirmos apenas às últimas semanas, primeiro houve o caso dos Cr\$ 216 milhões que cada deputado receberia para tratamento dental e, depois, o caso dos poços artesianos perfurados pelo DNOCS em propriedades particulares do presidente da Câmara, deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE). Agora fica-se sabendo que o Congresso e o Tribunal de Contas da União (TCU), órgão auxiliar do Legislativo, vão gastar neste ano US\$ 104 milhões para a manutenção dos seus prédios, a construção de novos edifícios e reformas nos apartamentos dos deputados.

Um ex-presidente da Arena, na época em que ela era o "maior partido do Ocidente", celebrizou a pergunta: Que país é este? É o caso de se perguntar agora: em que país vivem o Congresso e o TCU? É difícil acreditar que vivam no mesmo país do restante dos brasileiros, obrigados a fazer malabarismos para viver de salários corroidos por uma inflação de quase 1% ao dia e para sobreviver ao drama da recessão e do desemprego, dispondo dos piores serviços públicos do mundo. No país do faz-de-conta pode-se gastar US\$ 104 milhões para obras no Congresso, no TCU e nas residências dos senhores parlamentares, mais do que os US\$ 103 milhões do IPMF que o governo pretende utilizar para o financiamento de casa própria para a população com renda entre dois e oito salários mínimos do País real.

Entre as obras estão a construção de um estacionamento, uma passarela, uma casa de máquinas para ar-condicionado e a ampliação de dois prédios da Câmara, que contarão com US\$ 27,5 milhões. O presidente da Câmara quer também uma nova fachada para o Congresso, voltada para a Praça dos Três Poderes. Serão gastos ainda US\$ 24,5 milhões em reparos e conservação das residências dos deputados. De acordo com os custos da Secretaria Na-

cional de Habitação, esses US\$ 24,5 milhões dariam para construir — pelo sistema de mutirão — e dotar de redes de água e esgotos cerca de oito mil casas populares.

O Senado terá recursos de US\$ 28,7 milhões, dos quais US\$ 20,2 milhões irão para conservação e reparos nos atuais imóveis, inclusive residências dos senadores, e US\$ 8,5 milhões para a construção de novo prédio para a biblioteca e o serviço médico. Tão ou mais grave que essa orgia de gastos é a avaliação do primeiro-secretário do Senado, Júlio Campos (PFL-MT): "O dinheiro é pouco, não dá para nada". Declaração perfeitamente adequada a um habitante do País do faz-de-conta. Finalmente, como a doença de gastança é contagiosa, o TCU vai dispor de US\$ 19 milhões para construir um novo prédio, com 10 mil metros quadrados de área.

É possível que a maioria dessas obras seja necessária, mas com toda a certeza elas não são prioritárias, neste momento em que o País está mergulhado na pior crise de sua História e em que o governo federal raspa o tacho para conseguir alguns carimiguás destinados a programas sociais. Se a rede hospitalar pública está caindo aos pedaços, à míngua de recursos, é impossível entender que milhões de dólares sejam gastos para construir um estacionamento, uma passarela e novo sistema de ar-condicionado para a Câmara, uma nova biblioteca para o Senado e um novo prédio para o TCU.

A cada excesso como esse dos US\$ 104 milhões, destinados a obras perfeitamente dispensáveis no momento, aumenta um pouco mais o descrédito do Congresso junto à população que, embora cada vez mais empobrecida, terá de pagar a conta com seus impostos. Enquanto deputados e senadores persistirem em se refugiar comodamente no País do faz-de-conta, continuará em ritmo acelerado o perigoso processo de desmoralização do Congresso.

TARDE

JORNAL DA